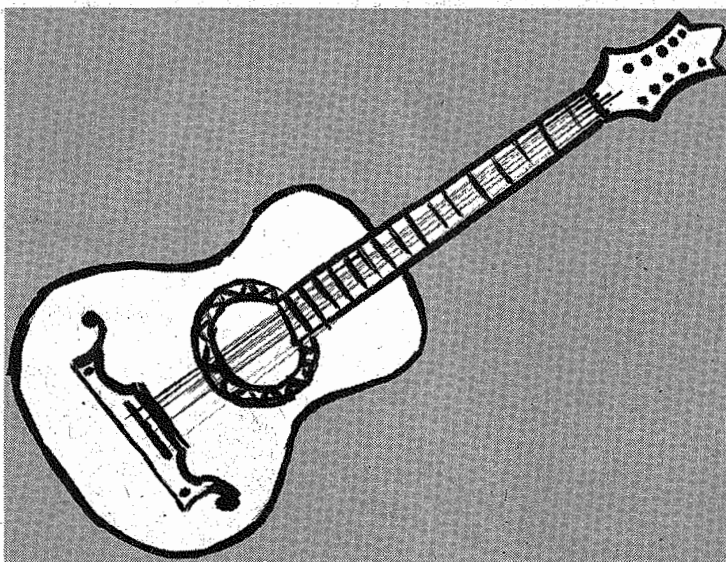


A música dos nossos caipiras

De tempos em tempos, a moda de viola renova-se e continua marcando presença no cenário artístico.

Por André Domingues



Repare bem. Em São Paulo, tem-se a impressão de que em cada pé de edifício, em cada canteiro de avenida, há uma roda de caipiras tranqüilos que observam o dia-a-dia urbano com doçura e ironia. Vez por outra, abrem suas sacolas de lona e tiram, sem alarde, violas surradas, mas perfeitas em suas dez cordas de aço. Começam, então, a dedilhar um punhado de modas que se pensava estarem perdidas e, logo, aparece gente vinda não se sabe de onde para assistir e aplaudir com entusiasmo, como se estivesse diante de astros que acompanha há muito tempo.

E nasce uma nova onda. Mágica?

E surge, como que por mágica, uma nova onda de música caipira. Sempre foi assim. Esses violeiros, figuras perenes da nossa memória coletiva, já foram Raul Torres, João Pacífico, Tonico e Tinoco, Inezita Barroso, Rolando Boldrim, Renato Teixeira e agora voltam à cena com nomes de banda: Fulanos de Tal, Matuto Moderno, Mercado de Peixe, Saci Crioulo, Caboclada, Super Gênios, Caipiragem, Dotô Jeca, Dioni Zica, Trem da Viaração e por aí afora. Hoje, suas sacolas são de nylon e, além de violas, guardam guitarras, baixos elétricos e até sintetizadores. Mas não demoram dois compassos para que façam vir à tona o belo ambiente rural e semi-rural do estado.

Inspirada, em boa medida, na mistura de chips e tambores do Mangue Beat, que revigorou a música de Pernambuco em meados dos anos 90, essa geração vem promovendo uma renovação muito significativa no cancionário regional paulista. Newtown Barreto, integrante do Fulanos de Tal e figura de destaque nesse meio, explica como se deu a transformação: "Com aquele movimento do Chico Science, a gente lembrou que a nossa região também ti-

na seus próprios tambores, seus próprios toques de viola, sua própria história pra contar, e que estava tudo ali, do nosso lado, sem ninguém valorizar como devia". Entrou em pauta, então, um levantamento cuidadoso da biodiversidade musical estado que redundou num mergulho profundo no universo das modas-de-viola, cururus, caninhas-verdes, calangos, catiras, umbigadas, jongos, folias-de-reis, sambas-lenço, moçambiques, congadas e sambas-de-bumbo. Foi um deslumbramento geral. Ao contrário daquela imagem cinzenta da "terra do trabalho", São Paulo revelou cores vibrantes, com uma exuberância melódica, poética e rítmica absolutamente surpreendente.

Os sons da cultura de massa

É preciso lembrar, entretanto, que esses novos caipiras – tanto os "legítimos", quanto os paulistanos filhos e netos de interioranos – não cresceram ouvindo apenas a música típica do seu rincão, mas também tiveram uma forte influência dos sons da cultura de massa urbana, veiculada por cinema, rádio e televisão. Isso fez com que muitos deles escolhessem os jardins elétricos do rock para dar os primeiros passos de suas carreiras artísticas e, posteriormente, elêgessem o ritmo norte-americano – e sua

atitude irreverente – como um dos principais ingredientes de suas fusões renovadoras da música do interior. "Não tem por quê nós recusarmos as influências que recebemos de toda a música pop do nosso tempo; a gente não fica menos caipira por isso", argumenta Newtown, com sua tranqüilidade habitual. Vale avisar, contudo, que o leque de sua experimentação de combinações sonoras não se restringe ao rock, mas estende-se, também, ao reggae, ao funk, ao rap e até mesmo a alguns os ritmos de outras regiões brasileiras, como o samba carioca e o maracatu pernambucano.

Olhando de fora, é possível pensar que, reunindo tantos elementos dispares, o que sobra de música caipira é pouco para se falar num revigoreamento dessa vertente, mas não é bem assim. Toda informação "importada" é reciclada pelos filtros caboclos da cultura paulista – uma das mais miscigenadas do Brasil, é bom dizer – e ganha um aroma inconfundível de fumo de palha. Tanto é, que a produção de Newtown Barreto e sua turma agregou muito mais rapidamente os grupos folclóricos do interior do que os fãs da famosa "música sertaneja", fabricada por e para os habitantes dos grandes centros urbanos do sudeste e do centro-oeste do país.

A chegada dos novos caipiras ao mercado vem tendo boa repercussão, o que indica que

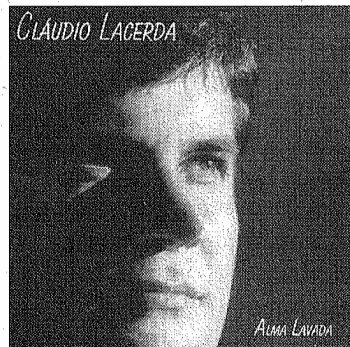
não vai demorar para que a indústria fonográfica se interesse em explorar o filão. "O nosso futuro pode ser um grande impacto na mídia e na indústria, mas, como não somos um movimento que anda para um lado só, não vai ter aquele negócio de se escolher a bola da vez e concentrar tudo num único artista", prevê Newtown. Aliás, algo que fica patente em suas palavras é a firme recusa de um caminho unívoco nos meios de comunicação: "a globalização trouxe esse prejuízo de todo o planeta ter de gostar da mesma coisa, e o nosso esforço vem no sentido contrário: eu quero mesmo é comer pão com mortadela e beber tubaína Aliança, como na minha infância em Rio Claro". Suas palavras irônicas e contundentes vêm respaldadas na autoridade de quem já tem um ótimo disco lançado com o Fulanos de Tal e é o organizador da coletânea "Moda Nova", o principal cartão de visitas de sua geração.

A renovação não é brisa passageira

Porém, independentemente do sucesso na mídia, é certo que a renovação da música caipira não se parece em nada com uma brisa passageira. Acontece que, afora ter uma grande leva de novos talentos sendo preparada nas muitas orquestras de viola paulistas, essa tendência formou um público fiel em todo o estado, sobretudo graças a iniciativas visionárias como o diversificado Festival Caipira-Groove, que deve ter sua 3ª edição na segunda metade de 2004, em São Paulo. Além disso, estão ganhando espaço no cenário cultural paulista alguns jovens grupos de pesquisa aprofundada do nosso folclore, como o respeitadíssimo Cachuela!, que organiza mostras, workshops e disponibiliza um valioso acervo sonoro e iconográfico sobre as manifestações folclóricas de São Paulo. Ao que tudo indica, as portas estão abertas.

MODA NOVA (2003) – VÁRIOS ARTISTAS

Fotos: Reprodução



Novas bandas e novos cantores fazem com que a música caipira continue tendo espaço garantido.

Velhas canções ganham nova roupagem

Coletânea produzida por Newtom Barreto que melhor apresenta a nova música caipira paulista, com faixas do Dioni Zica, Matuto Moderno, Fulanos de Tal, Caboclada, Mercado de Peixe e Saci Crioulo. Entre muitas canções interessantes, como *Viola Cósmica* (Matuto Moderno) e *Besouro Negro* (Mercado de Peixe), vale a pena prestar atenção especial às duas colaborações do Saci Crioulo: *Skaboclinho* e *Sete Baforadas Musicais*.

Fulanos de Tal (2003) – Fulanos de Tal

Disco de estréia do grupo de Newtom Barreto, o Fulanos de Tal, em que se destacam *Umbigada* e *Catirada 2* (também incluída no CD *Moda Nova*), ambas de sua autoria, além do batuque *Eu Moro em Capivari* interpretado pelo grupo folclórico Batuque de Umbigada de Capivari, Tietê e Piracicaba.

Festeiro (2002) – Matuto Moderno

Segundo disco do conjunto paulistano que consegue uma sonoridade muito particular em sua mistura de referências. Dentre melhores as canções desse bom disco estão *O Caminho*

das *Águas*, um cateretê misturado com rock progressivo, e a releitura de *Vide Vida Marvada*, de Rolando Boldrim, que ganhou uma curiosa levada funkeada.

Alma Lavada (2003) – Cláudio Lacerda

Primeiro disco do cantor, violonista e compositor Cláudio Lacerda, revelado na Orquestra de Paulistana de Viola Caipira. Com sua bela voz, Lacerda cria interpretações marcantes para obras como *Quero*, de Zé Paulo Medeiros, e *Na Subida do Balão*, de seus ídolos Paulo Simões e Almir Sater.

Roça Elétrica (2003) – Mercado de Peixe

Arranjos e vocais mais agressivos marcam o 3º álbum de carreira da banda bauruense Mercado de Peixe. Nitidamente influenciada pelo Mangue Beat, tem grandes momentos em suas composições próprias, como *Menina (Entra na Roda)* e *AA*, e na versão que fizeram para *Fogo no Canaviar* da dupla seminal Alvarenga e Ranchinho.

André Domingues